

# O tempo *kairós* e *chrónos* e sua importância para o pedagogo

*The time kairós and chrónos and its importance to the pedagogue*

Sérgio Gonçalves Leite

Teólogo, historiador e pedagogo; Professor do Centro Educacional  
e Teológico IETEB; Coordenador e Educador do Museu da Bíblia.

sergonleite@hotmail.com

## Resumo

Este trabalho analisa a noção de “tempo” de acordo com os dois conceitos gregos de *kairós* e *chrónos* e suas influências diretas na vida e no desenvolvimento cognitivo da criança. Conforme Piaget, a análise do tempo é fundamental para o pedagogo nortear suas pesquisas sobre as etapas de desenvolvimento segundo as faixas etárias, ou mesmo para aquele que se interessa por saber até onde o tempo *kairós* pode influenciar o tempo *chrónos*. A visão de tempo nos *Eclesiastes*, em Hegel, o tempo ao longo da história desde a Idade Antiga até a Idade Moderna nos permitirá entender a importância de aproveitar a sucessão de instantes, pois o tempo perdido nunca mais será recuperado, principalmente na formação da criança.

**Palavras-chave:** *Chrónos*. História. *Kairós*. Pedagogo. Tempo.

## Abstract

This work has as basis analyze the concept of “time” according to the two Greek concepts of *kairós* and *chrónos* and its direct influences in the life and the child’s cognitive development. The analysis of time is fundamental to the pedagogue guide his research on the stages of development, as Piaget works the age ranges, or even for one who is interested in knowing how far the *kairós* time can influence the *chrónos* time. The vision of the time in *Ecclesiastes*, by Hegel, the time over the course of history from the Old Age until the Modern Age will allow us to understand the importance of making use of the succession of instants, because the lost time will never recovered, mainly in the formation of the child.

**Key words:** *Chrónos*. History. *Kairós*. Pedagogue. Time.

## Introdução

Os conceitos filosóficos educacionais de “tempo” são fundamentais para o pedagogo quando, em suas pesquisas e em seu planejamento, levanta hipóteses e dados ocorridos em certo tempo, ou quando analisa as transformações no desenvolvimento cognitivo do aluno ao longo do tempo. Por outro lado, sabemos que nossa cultura e filosofia foram profundamente marcadas pelo pensamento grego. Assim, neste texto nos propusemos a análise de duas noções gregas de tempo - *kairós* e *chrónos* -, com base em uma pesquisa de natureza etimológica e historiográfica, visando teorizar acerca da relevância do tempo na formação das crianças no quesito ensino-aprendizagem.

O tempo *kairós* nos transporta à ideia de um tempo presente, o momento propício, a oportunidade, o instante.

Na mitologia grega, *Kairós* é um atleta de características obscuras, que não se expressa por uma imagem uniforme, estática, mas por uma ideia de movimento. Metaforicamente, ele descreve uma noção peculiar de tempo, uma qualidade complementar em relação à noção de temporalidade representada por *Cronos*. *Kairós* refere-se a uma experiência temporal na qual percebemos o momento oportuno em relação a determinado objeto, processo ou contexto. Em palavras simples, diríamos que *Kairós* revela o momento certo para a coisa certa. *Kairós* simboliza o instante singular que guarda a melhor oportunidade, ele é o momento crítico para agir, a ocasião certa, a estação apropriada. (GARCIA, 2006)

A etimologia de *chrónos* ainda é bem discutida em razão da mitologia e da escrita (*xrónos* e *kronos*). Segundo a mitologia grega (GRIMAL, 1997, p.105),

[. . .] na genealogia dos Titãs, *Cronos* (Kronos) é o filho mais novo de *Urano e Geia*. Urano ocultava sistematicamente seus filhos, ao nascerem, no corpo de Geia. Revoltada, ela convence *Cronos* a vingar-se do pai *Urano*. Ao lutarem, *Cronos*, com uma foicinha dada por sua mãe, corta os testículos de Urano, castrando-o, e, assim, assume o poder. Ele se casa com Réia e têm vários filhos.

Mas, ao tornar-se o soberano, *Cronos* aprisiona seus irmãos Hecatonquiros (gigantes de cem anos) no *Tártaro* e passa a devorar sistematicamente seus próprios filhos logo após terem nascido, por receio a uma profecia lançada por *Urano*, segundo a qual *Cronos* também seria destronado por um de seus filhos (Héstia, Deméter, Hera, Hades e Poseidon). Entretanto, um dos filhos de *Cronos*, *Zeus*, nasce, é escondido por sua mãe e refugia-se em uma gruta em Creta, onde cresce em segurança. Mais tarde *Zeus* enfrenta *Cronos* com a ajuda de *Métis*, uma das filhas de Oceano, que levou *Cronos* a tomar uma droga que o forçou a devolver todos os filhos que tinha devorado, e o fez libertar os filhos que havia engolido. O jogo de palavras leva, às vezes, *Cronos* (Kronos), a divindade mitológica, ser considerado *chrónos* (xrónos) o tempo.

Todavia, não é consenso geral que a divindade mitológica fundamente a etimologia de *chrónos*, como também o tempo, para os gregos, a princípio não era um deus e só passou a sê-lo nos tempos helenísticos, quando foi adorado sob o nome *Aion*. O tempo *chrónos* (xronos) nos transporta a um espaço de tempo longo ou breve, mas com a ideia de tempo limitado, ou seja, que tem começo e fim, um período. Nossa existência está intrinsecamente relacionada com o *chrónos* e dentro dele temos vários *kairós*. Independentemente de quem somos - um grande líder, um político, um administrador, um operário, um religioso ou um ateu -, não podemos ignorar que todos temos um *chrónos* e, dentro dele, vários *kairós*, não importando, em relação a estes, se os aproveitamos como oportunidade ou não (a ocasião correta). Uma coisa é certa: por menor que seja nossa participação no *kairós*, podemos influenciar de forma positiva ou negativa aqueles que estão ao nosso redor e, por que não dizer, os que virão a ter um *chrónos* também poderão ser influenciados.

Isso nos reporta a pensar como o tempo (*kairós*) educacional pode influenciar no tempo (*chrónos*) de uma criança no transcorrer de sua vida, ao qual chamamos de formação. Baseamo-nos, por exemplo, nos filósofos gregos que usaram muitos *kairós* dentro de seu *chrónos*, o que resultou em benefício para toda a Grécia, na medida em que até hoje esses pensadores conseguem influenciar pessoas por meio do conhecimento que produziram, numa mescla de

teoria e empirismo peculiar a seus métodos interrogativos e analíticos em diversos assuntos.

Durante sua vida o homem desfruta de momentos bons e especiais, mas, muitas vezes, somente a perda contribui para que ele possa dar o devido valor ao que tem, ou seja, as perdas não são um sinal de falência, e sim uma oportunidade para se refletir, mediante uma releitura da situação, ou mesmo de mundo, e que pode ser feita ao longo do tempo (*kairós*). Afinal, a perda pode ser vista como *kairós* (oportunidade não aproveitada) ou fase do *chrónos*? A perda adviria da falta de ter observado o *kairós* certo? Podem as oportunidades perdidas influenciar nossa vida?

Hegel (1981), no texto *Origem, essência e sentido da Filosofia*, diz que a história é espiral: conforme ocorre a cisão de determinado tempo (*chrónos*), temos uma etapa, um novo tempo (*chrónos*), porém, o espírito do “absoluto” continua agindo, o conhecimento vai gradativamente sendo adquirido nas etapas de desenvolvimento.

Esses são alguns dos meandros de pensamento que nos suscitaram o interesse pela pesquisa sobre o “tempo”, em seus dois aspectos. A partir desses meandros e da metodologia aqui proposta, procuraremos analisar a relação que amalgama os dois termos com sua aplicabilidade na vida da criança, questionando até onde isto é importante para o pedagogo, livre de quaisquer preconceitos que se possam impor. Portanto, o objetivo deste artigo é analisar, comparar e atualizar as tensões que estão presentes na gênese das dimensões de tempo, *kairós* e *chrónos*, apontadas por este trabalho. Nesse sentido, o objetivo geral é percorrer a história desses conceitos de tempo com base na etimologia grega e em aspectos da filosofia, da educação, da religião e da teoria da história, e refletir sobre a relevância, para o pedagogo, em suas inferências no cotidiano vivido com os alunos.

## O tempo nos *Eclesiastes*

O título *Qobeleth* vem do hebraico *qabal*, que significa “orador da Assembleia”. Na tradução grega (Septuaginta), *Eclesiastes* significa representante da assembleia e vem do termo grego *Ekklésia*, que designava um grupo de pessoas dotadas do privilégio de cidadania que, incumbidos de certas funções públicas e administrativas importantes, recebem, dentre a massa de pessoas comuns e para

fins de caráter político-administrativo, convocação ou chamado para atuar fora da cidade (*pólis*). O *Eclesiastes* usa constantemente a palavra “ vaidade”, cujo significado deriva de “vento, vapor, sopro, fragilidade humana”.

Quanto às categorias temporais que estamos examinando, a palavra “ vaidade”, no significado primeiro citado, está ligada a *chrónos e kairós* no sentido de início e fim do ciclo de vida do homem, com suas oportunidades direcionando uma série de repetições e reproduções de ações sem expectativas de melhora, crescimento ou mesmo desenvolvimento. O relato do tempo, a partir do capítulo primeiro do livro de *Eclesiastes*, não evoca a questão do devir, mas focaliza o tempo cíclico e sem renovação: “O que foi, será, o que se fez, tornará a fazer: nada há de novo debaixo do sol!”. (*Eclesiastes*, 1,9, Cf. BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2004, p. 1072)

No texto também há uma reflexão das conquistas em todas as esferas, sejam elas de acúmulo de riquezas, posse de bens para deleite próprio ou mesmo algo que envolva a sustentação do ego. Porém, é observado que, dentro do tempo (*chrónos*) de existência do homem, isso também é procurar o vento (vaidade). Fica caracterizado que o tempo de vida era uma monotonia constante e, por mais que o homem se esforçasse, seria uma constante corrida atrás do vento. (*Eclesiastes*, Cap. 2, Cf. BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2004, p. 1073)

Em continuidade, estabelece-se uma relação de causas e efeitos na vida do homem partindo da palavra tempo. Emprega-se no texto grego a expressão de existir um tempo para cada ação e reação: “Tudo tem a sua ocasião (*chrónos*) própria, e há tempo (*kairós*) para todo propósito debaixo do céu” (*Eclesiastes*, 3,1, Cf. BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2004, p. 1074). *Kairós* surge claramente como um tempo específico de oportunidades e situações isoladas, como um tempo breve de acontecimentos dentro do tempo determinado (*chrónos*) como período ou etapa. O argumento do verso onze do capítulo três diz que Deus colocou no coração do homem o *aion (aiwn)* e que “Tudo fez formoso em seu tempo (*kairós*); também pôs na mente do homem a ideia da eternidade (*aion*), se bem que este não possa descobrir a obra que Deus fez desde o princípio até o fim” (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2004, p. 1074) - este o tempo referente ao eterno, ao ilimitado. O tempo traduzido de *aion* sempre se distancia do nosso raciocínio, pois implica uma dimensão de tempo voltada para a existência de Deus, ou seja, a divindade tem sua existência permanente sem poder ser identificado seu início ou sua gênese. O tempo *aion* é

um conceito atemporal, reporta-se ao ilimitado, não tem vínculo com o cronológico, é uma relação metafísica que abarca a nossa temporalidade.

Evidencia-se a ideia de que a alegria do homem está em desfrutar dos diversos *kairós* que surgem em sua vida; conforme os aproveita, consegue-se estabelecer uma satisfação pessoal, como se fossem sucessivas conquistas ao longo das fases de desenvolvimento que vai passando. Mesmo assim, a relação de diversos acontecimentos na trajetória de vida do homem é tratada de forma depreciativa, como sendo insuficiente para atender a qualquer expectativa de futuro. O texto demonstra desmotivação, pois não tem aparentemente nada que já não se conheça, ou mesmo que ele venha a conhecer e que o anime, ou que venha a ser um novo desafio. Os desfechos das atividades mencionadas são apontados como repetições e frustrações de ações que não levam a nada. O comentário, *a priori*, é de um tempo cronológico, porém estático, no que diz respeito a não ter desenvolvimento, e termina com a perspectiva do tempo cíclico. Em seguida, são feitos reflexões e questionamentos de diversas atividades que envolvem o labor do homem e, mesmo nos mais diferentes segmentos sociais, aqueles que envolvam a participação ativa - tudo é apontado como vaidade ou como coisa passageira. Nos capítulos que seguem, no *Qobeleth*, continua a

[...] buscar o sentido da existência, descobre que a vida não tem, aparentemente, sentido transcendente: a morte põe fim definitivo à única vida do homem. [...] Deus está acima de tudo isso. Ao experimentar a angústia da vida, *Qobeleth* afirma que esta possui alegres sentidos, embora sejam parciais e que poder desfrutá-los é dom de Deus. [...] O tempo é o diferencial que assinala a condição humana. Heschel (1974, p. 205-14) diz que a única coisa que o homem possui é o tempo, o que faz a temporalidade de ser uma característica essencial da existência. Porém o tempo é frágil, é uma mera sucessão de instantes percíveis, o que é um paradoxo, pois isso nos leva a nunca possuir a única propriedade que temos. Ocupamos o tempo e o evento é determinado por Deus. (GUARNIERI, 2006, p. 87)

Sua visão temporal é tão cíclica que não se vê perspectiva de mudança ou de crescimento nem desenvolvimento epistêmico ou empírico, a ponto de dizer que

“[...] o fazer livros é um trabalho sem fim, e o muito estudo cansa o corpo [...]”.  
(BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2004, p. 1084)

## O tempo na História

Encontramos dificuldades para analisar a questão do tempo na pré-história, ou pelo menos de como era feita sua abordagem, dado que a consciência do tempo está longe dos conceitos modernos no que se refere à cronologia temporal dos acontecimentos. Porém, é conhecido, pelos trabalhos da arqueologia e das ciências afins, o fato de que o homem primitivo viveu numa época em que já procurava marcar seus eventos numa possível realização futura, por exemplo, nas pinturas da Gruta de *Lascaux*, no sudoeste da França.

Esse homem dos primeiros tempos passou a fazer marcas pictográficas, não porque queria desenvolver uma linguagem, mas, segundo estudos já realizados na área, porque a ideia central desses símbolos está associada à conservação da identidade coletiva de seu povo, ou seja, a formação cultural e educacional de sua descendência. Nesse caso, refere-se à memória de um povo com seus ritos principais, que lembram festas e celebrações, isto é, um kairós. O próprio rito de funeral era entendido como uma maneira de transição de uma fase da vida para outra e, portanto, baseava-se em um tempo cíclico para perpetuar a tradição pelas gerações futuras.

O tempo na Idade Antiga começa a ser observado com mais articulação entre passado, presente e futuro quando do desenvolvimento dos calendários que compunham o chamado ano civil, sendo que este já contava 12 meses de 30 dias, com cinco adicionais no final de cada ano. Sequencial a este foi introduzido o calendário “sotiacal”, o qual acompanhava as estações ou a sazonalidade. Já na região da Mesopotâmia, ainda no mundo antigo, onde habitaram povos babilônicos e sumérios, o uso do calendário como marcação do tempo foi mais valorizado pelos primeiros, que usavam o calendário lunar; os segundos, por sua vez, não valorizavam esse método por não se importarem tanto com a marcação do tempo. Os babilônicos voltavam seus estudos para presságios, associando os acontecimentos ao que prescreviam os céus, conforme estudados pela astrologia.

Na Idade Média, a noção predominante de tempo está mais para o *Aion*, o tempo da divindade, da eternidade, pois a maior tônica nesse sentido era a

prédica católica, com seus dogmas e doutrinas, em sua maioria, inseridos no calendário eclesiástico observado pela sociedade da época. A Igreja, mesmo sem o respaldo do Império Romano, conseguiu impor-se durante o longo período da Idade Média mediante suas concepções: quer nas articulações no meio social ou eclesiástico, quer nas sagrações dos reis, quer nas Cruzadas, ou mesmo em suas heréticas indulgências, sempre se impunha em nome de Deus para avançar em seus propósitos. De maneira tal que entre governos eclesiásticos acabaram por surgir “ordens”, com visões divergentes entre si, as quais não serão mencionadas por não fazerem parte da proposta deste texto.

Com a grande crise do feudalismo a partir do século XIV, que impactou diretamente o contexto econômico, mudanças começaram a ocorrer no campo intelectual e em outras dimensões da vida social. A transição mercantil, o pré-capitalismo, as novas modalidades comerciais, o desenvolvimento científico, o resgate das artes, a busca pelo cognitivo, a reforma protestante, a contrarreforma, a revolução francesa, a revolução industrial e outros eventos que foram se sucedendo até o século XVIII levaram o mundo de então a pensar o “tempo” de modo diferente.

É evidente que, com tais mudanças, a questão temporal toma outro vulto. O tempo de Deus começa a ser pensado não mais pela ótica da religião, que até então era a *mater* do conhecimento, mas como *kairós e chrónos*. O momento, a oportunidade passa a ser um pensamento em ascensão, por causa da razão e do humanismo que levaram à reflexão e releitura de toda a história, apontando para uma cisão inevitável na visão ideológica de tempo. O relógio, agora, não era mais privilégio da Igreja; não mais determinava um momento, mas passara a constituir a referência das atividades mercantis do capitalismo, levando à determinação do fluxo financeiro como referencial de tempo - daí o provérbio “tempo é dinheiro”.

O tempo relacionado às crianças também passou a diferir do que era até então entendido sobre elas: da “criança como um pequeno adulto” à criança em “seu mundo”, até por força da exploração capitalista de novos mercados como o da moda infantil, que contribuiu gradativamente para um novo olhar dentro do *chrónos* que conferia relevância à instrução e ao desenvolvimento infantil. Portanto, foi a partir do pré-capitalismo, seguindo-se a dupla revolução do século XVIII e da constituição das nações que a Educação passou a ser vista como algo necessário não só para a formação de mão de obra, mas como mecanismo de controle do Estado, impondo sua racionalização. Com isso, no século XX, algumas

teorias educacionais também foram desenvolvidas, entre elas o construtivismo piagetiano dos anos 70/80.

## O tempo *kairós* para o pedagogo

Os termos gregos *kairós* e *chrónos* utilizados para definir tempo nos levam a uma análise mais profunda do próprio tempo. Com as definições vistas neste trabalho, podemos verificar que o tempo é uma das maiores riquezas, senão a única, da vida dos homens, conforme se depreende da citação de Heschel sobre as palavras de Qohélet (*apud* GUARNIERI, 2006, p. 87): “[...] a única coisa que o homem possui é o tempo, o que faz a temporalidade de ser uma característica essencial da existência. Porém o tempo é frágil, é uma mera sucessão de instantes perecíveis [...]”.

Em todas as relações apresentadas na história sempre há dedicação e importância atribuídas a indagações sobre o “tempo”, para tentar elucidar seus fenômenos e também para analisar o comportamento humano em suas práxis desde os anos iniciais. As expressões que definem o tempo como “sucessão de instantes” são, sem dúvida, uma legítima expressão de *kairós*, as oportunidades, os momentos são uma constante na vida da humanidade. E podem influenciar, sim, de uma forma ou de outra, os instantes que estão por vir, pois se o pedagogo não observar os inumeráveis *kairós*, não poderá contribuir para a formação da criança. Segundo as observações e análises piagetianas, o desenvolvimento ocorre em diversas fases (aqui denominadas *kairós*), enquanto Vygotsky tende a expressar o desenvolvimento a partir do meio em que a criança se relaciona, ou seja, um tempo que pende mais para a definição dada ao termo *chrónos*. Há uma implicação de liberdade de ação do homem, pela qual ele é responsável pelas consequências de seus atos no mundo; já a criança tem, a princípio, algumas etapas (*kairós*) na evolução da prática e da consciência sobre as regras que orientam suas ações, chamadas por Piaget (*apud* LA TAILLE, 1992, p. 50) de anomia, heteronomia e autonomia.

A primeira delas é a etapa da *anomia*. Crianças até cinco anos, seis anos de idade não seguem regras coletivas. [...] A segunda etapa é aquela da *heteronomia*. Nota-se, agora, um interesse particular de

atividades coletivas e regradas. Todavia, duas características desta participação explicitam a *beteronomia* da criança de até nove, dez anos em média. [...] a criança desta fase não concebe regras como um contrato firmado entre jogadores, mas sim como algo sagrado e imutável, pois imposto pela “tradição”. [...] A criança *beterônoma* não assimilou ainda o sentido da existência de regras: não as concebe como necessárias para regular e harmonizar as ações de um grupo de jogadores e por isso não as segue na risca. [...] A terceira é a da *autonomia*. Suas características são justamente opostas a da *beteronomia*, e correspondem à concepção adulta do jogo cada um concebendo a si próprio como possível legislador. [...] Em função desses dados Piaget formulou a hipótese de que o desenvolvimento do juízo moral seguiria as mesmas etapas.

Essas etapas, ou *kairós*, poderão marcar o tempo do desenvolvimento cognitivo por intermédio do processo de ensino-aprendizagem e mediante abordagem e posicionamento assumidos pelo educador. Marcas ficarão na memória quer mundial, quer nacional, quer estadual, quer local, marcas que ficam registradas em documentos (pinturas, relatos escritos, esculturas, pictografia e outros), ou na memória das crianças, até que alguém se predisponha a reunir esses diversos acontecimentos em um tempo *kairós*, que por sua vez está dentro de um tempo *chrónos* a ser estudado. A partir daí, os relatos ou os resultados da pesquisa chegarão até nós como “história”, o que implicará, para o educador, uma tomada de atitude de acordo com a realidade socioeconômica que determinada criança enfrenta naquele *kairós* ou enfrentou em tempos anteriores. Podemos dizer que a história é o estudo da diversidade de acontecimentos (mudanças) ocorrida em determinado tempo (*chrónos*). A história e o homem sempre se relacionaram com o tempo. O pedagogo deve problematizar a história do presente pelo passado, com foco investigativo na diversidade de acontecimentos ocorridos, para não incorrer em relatos ou avaliações meramente subjetivos.

O tempo histórico não é o tempo cronológico, mas, sim, o fenômeno em que acontecem as coisas; é a duração de um intervalo de tempo necessário para que ocorra um acontecimento, podendo ser desde a Educação Infantil, ou a alfabetização ou mesmo o Ensino Fundamental, como também deve ser pesquisado no intuito de extrair informações que ainda não foram analisadas

e que servirão para uma dialética futura, ou mesmo presente, entre a criança e sua realidade de vida. Com base na expressão dialética, concluímos que o tempo, que em certos momentos da história parecia ser cíclico, uma mera repetição de ações da criança naquele período, dado o *modus vivendi* daquele tempo (*chrónos*) específico, era, porém, um tempo não repetitivo, mas de fases no desenvolvimento. Entretanto, pela expressão hegeliana, podemos concatenar as diversas visões e entender o tempo como uma espiral, que não se repete como num ciclo, mas que usa as bases de estrutura (pensamentos ideológicos ou filosóficos) para levar a um entendimento diferente do anterior. Seria impossível iniciar outro tempo sem a estrutura anterior porque necessitaríamos de uma nova gênese. Mesmo os eruditos que procuram estabelecer, com suas teses, novas linhas de raciocínio não podem negar as origens de pesquisas já postas academicamente como referencial.

Observar cada *kairós* em sua época ou período (*chrónos*) faz parte do trabalho do pedagogo. Detalhes de um tempo *kairós* podem influenciar no resultado do projeto ou do planejamento das atividades escolares. Portanto, o pedagogo precisa, em suas observações e inferências, compreender o que, como, para quem e por que foi realizada determinada ação da criança nas suas diversas fases e analisar o que a levou a algum tipo de atitude que nem sempre é perceptível nem de sentido decifrável numa primeira apreciação. Na medida em que o educador analise os diversos *kairós* das crianças/alunos, poderá identificar o potencial a ser trabalhado como também a defasagem de assimilação cognitiva na relação ensino-aprendizagem.

## O tempo dos estágios de desenvolvimento

O processo de desenvolvimento da criança é o resultado de mudanças cognitivas e intelectuais que acontecem em determinados tempos (*kairós*): “A hipótese geral de Piaget é de que o desenvolvimento cognitivo é um processo coerente de sucessivas mudanças qualitativas das estruturas cognitivas [...]” (LA TAILLE, 1992). Os esquemas são construídos e reconstruídos gradativamente, o que sugere uma sucessão de *kairós* dentro do *chrónos vivendi*. De um modo geral, os estágios de desenvolvimento cognitivo são resumidos por Piaget da seguinte maneira:

- 4.1. Estágio da inteligência sensório-motora (0-2 anos) - criança ainda não representa eventos internamente e não pensa conceitualmente;
- 4.2. Estágios do pensamento pré-operacional (2-7anos) - é caracterizado pelo desenvolvimento da linguagem, representação e conceptualização, e o raciocínio é entendido como semilógico;
- 4.3. Estágio das operações concretas (7-11 anos) - nessa etapa ocorre a habilidade de aplicar o pensamento lógico a problemas concretos;
- 4.4. Estágio das operações formais (11-15 anos ou mais) - fase na qual as estruturas cognitivas da criança alcançam seu nível mais elevado de desenvolvimento, ficando aptas a aplicar o raciocínio lógico a todas as classes de problemas.

É importante enfatizar que, para o educador suíço, não há especificamente uma sucessão linear do comportamento dos diferentes estágios, ou seja, ele parte do *chrónos* para analisar o *kairós*. Nesse caso, a expressão de Hegel (1981) é notada com clareza: a gênese é preservada na ocorrência da cisão e “o novo padrão de comportamento simplesmente é adicionado aos velhos para completar, corrigir ou combinar”. Assim, o pedagogo precisa analisar o tempo histórico de forma individual e coletiva, para obter uma abordagem educacional com mais qualidade e, dessa forma, contribuir para o desenvolvimento e aprendizado da criança nos mais diversos estágios, sabendo que sua inferência no tempo *kairós* é imprescindível para a formação do educando e mesmo para sua maturidade profissional dentro de um respectivo *chrónos*.

## Considerações finais

O tempo *kairós* e *chrónos* é um referencial constante nas mais diversas áreas aqui vistas, sendo que *Eclesiastes* analisa um tempo cíclico, repetitivo, e Hegel mostra a continuidade do tempo em fases diferentes (espiral). A história nos reporta à marcação do tempo e às mudanças sociais, políticas e educacionais. Piaget vislumbra as fases motoras e cognitivas dentro do tempo *kairós*, denominadas de estágios, que implicam faixas etárias. Com isso, a história veio construindo a relação temporal conforme a realidade de seu desenvolvimento. Cabe aos pedagogos e educadores, investidos de teorias das mais diversificadas

academias, posicionarem-se sempre analisando o contexto do *kairós*, certos de que as oportunidades influenciarão na relação ensino-aprendizagem e, consecutivamente, na formação da criança dentro de um *chrónos*. Na medida em que se fizer um amálgama da importância de se aproveitar os instantes que passam (*kairós*) com a metodologia de ensino em cada etapa, contribuindo para a formação dos educandos dentro de um *chrónos*, certamente teremos pessoas conscientes de seus deveres e direitos como cidadãs, além de politizadas.

## Referências

BÍBLIA DE JERUSALÉM. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2004.

GARCIA, Joe. *Cronos e Kairós*: repensando a temporalidade do currículo. Disponível em: [www.educacaoonline.pro.br/cronos\\_e\\_kairos.asp?f\\_id\\_artigo=117](http://www.educacaoonline.pro.br/cronos_e_kairos.asp?f_id_artigo=117). Acesso em 30/06/2007.

GUARNIERI, Maria Cristina Mariante. Palavras de Qohélet. *Caderno de pesquisa em Teoria da Religião*. n. 5. PUCSP, São Paulo: Oficina do Livro, 2006.

GRIMAL, Pierre. *Dicionário de mitologia grega e romana*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1992.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. Origem, essência e sentido da Filosofia. In: CORBISIER, Roland. *Textos escolhidos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

LA TAILLE, Yves de; OLIVEIRA, Marta Kohl; DANTAS, Heloysa. *Piaget, Vygotsky, Wallon*: teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus, 1992.

PEREIRA, S.J. Isidro. *Dicionário Grego-Português e Português-Grego*. 8. ed. Braga: Apostolado da Imprensa, 1998.

WHINTROW, Gerald James. *O tempo na história*: concepções de tempo da pré-história aos nossos dias. Tradução: Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

recebido em 6 nov. 2010 / aprovado em 20 ago. 2012

Para referenciar este texto:

LEITE, S. G. O tempo *kairós* e *chrónos* e sua importância para o pedagogo. *Dialogia*, São Paulo, n. 16, p. 185-197, 2012.

---